

Paul Tillich e a problemática do mal na esfera da antropologia teológica*

Paul Tillich and the problem of evil in the sphere of theological anthropology

Thiago Pinheiro**

Resumo

O objetivo desse artigo é expor as vias em que Paul Tillich trata da problemática do mal, bem como a sua manifestação nas estruturas constitutivas do indivíduo. Ele não se preocupa com a teodiceia. Antes, o seu pensamento é ontológico, o que faz com que a sua abordagem sobre o mal seja também através da ontologia, sem, contudo, conferir status ontológico ao mal. Apresentam-se, com isso, os principais elementos da ontologia tillichiana – que se dão em quatro níveis – e também as suas concepções antropológicas mais importantes. O conceito antropológico que se estabelece como ponto de correlação entre o indivíduo e a questão do mal é o de alienação. Tillich concebe a finitude e o não-ser como sendo o principal fator que permite o mal no mundo, bem como a alienação como a condição de sua manifestação. Entretanto, existe outra realidade que desafia o mal, realidade essa trazida pelo Novo Ser em Jesus como o Cristo. Através dessa nova realidade é que se dá o modo de lidar com o mal.

Palavras-chave: Mal. Alienação. Ontologia. Paul Tillich.

* Artigo recebido em 31/08/2017 e aprovado para publicação em 24/10/2017.

** Doutorando em Teologia (FAJE); Mestre em Ciência da Religião (UFJF); Bacharel em Teologia (FATE BH); Licenciado em Letras Português-Inglês. Desenvolve a pesquisa de doutorado com bolsa da CAPES.

Abstract

The purpose of this paper is to expose the ways in which Paul Tillich deals with the problem of evil, as well as its manifestation in the constituent structures of the individual. He is not concerned with theodicy. But his thought is ontological, which makes its approach on evil be also through the ontology, without, however, conferring ontological status to evil. It is presented, therefore, the main elements of tillichian ontology - that occur on four levels - and also its most important anthropological conceptions. The anthropological concept that is established as a point of correlation between the individual and the question of evil is estrangement. Tillich conceives finiteness and non-being as the main factor that allows evil in the world, and estrangement as the condition of its manifestation. However, there is another reality that challenges the evil reality, such a reality brought by the New Being in Jesus as the Christ. Through this new reality is that it's possible to deal with the problem of evil.

Keywords: Evil. Estrangement. Ontology. Paul Tillich.

Introdução

A teologia produziu uma série de respostas à problemática do mal ao longo da história do pensamento cristão. Todas as respostas são plausíveis e legítimas, e abordaram a questão a partir de uma determinada faceta. Naturalmente, essas respostas só são plausíveis porque assumem uma perspectiva. A partir dela, então – já que os elementos são situados em um horizonte próprio, oriundo de uma epistemologia – fica viável, por assim dizer, falar sobre o mal. É de se perceber, no entanto, a irônica incidência de pelo menos três grandes males em todos os materiais disponíveis na teologia que pretendam abordar a problemática do mal.

Em primeiro lugar, todas as respostas deixam lacunas profundas! A realidade do mal é como que um xeque-mate tão bem dado, que a teologia se debruça diante do tabuleiro e tenta, há mais de 2000 anos, rever todas as peças de defesa e ataque: ao mover uma, abre a possibilidade para que o ataque venha de um determinado lado. Ao desfazer outra jogada, a ameaça ocorre por outro ângulo, e assim por diante.

Em segundo lugar, visto que a problemática do mal é a criptonita – ou o xeque-mate mais inaceitável da história – da teologia, o esforço teológico deve se render e reconhecer essa fragilidade. Querer abarcar, persistentemente, essa problemática é uma atitude babélica, presunçosa e tautológica! Talvez seria a peça fundamental do quebra-cabeça da teologia: quem achá-la seria digno do coroamento.

Em terceiro lugar, o mal maior é não saber reagir definitiva e satisfatoriamente à problemática do mal, o que leva a teologia a insistir e não aceitar esse limite. Tal ponto estaria em estreita relação com o segundo, pois situa-se na postulação do sistema. Hegel procurou criar um sistema que pudesse responder a todas as esferas. Outros sistemas vieram com pretensão similar, correlacionando, amarrando e casando informações e ideias variadas. Kierkegaard soube criticar o sistema e procurou evitá-lo por causa do ranço hegeliano presente no pensamento sistemático. O mal acaba por entrar, também, nessa cadeia sistemática.

Paul Tillich e o seu sistema – bem como outros – correm o risco de sofrer desses três males: abertura do flanco ao atacar o adversário; babelização do discurso; insistência em falar, sem dar espaço ao silêncio. Certo é que ele afirma não ser possível falar exaustivamente do mal, mas perpetua um discurso contínuo e quase que fechado. O teólogo da correlação formula algumas formas de se tratar a questão do mal. Estas, por sua vez, abrem margem para outros problemas. Isso pode ser explicado pelo caráter dialético do seu pensamento, que busca situar-se “na fronteira” da correlação. Os seus interlocutores precisavam de uma determinada resposta. Assim, a pergunta trazida pela filosofia esperava uma resposta teológica (Cf. TILLICH, TS p. 13-15)¹. No emaranhado de transposição de conceitos – ora plenamente teológicos, ora simplesmente filosóficos – o teólogo alemão resvala no labirinto da sua própria crítica, quando transforma a teologia em um discurso não raramente sem o “teo” indispensável para qualquer formulação que se parta do conteúdo da fé.

A despeito de se arriscar uma crítica minúscula e pouco desenvolvida a Tillich, conforme apontada no parágrafo acima, é de se reconhecer o seu labor meritório enquanto teólogo e filósofo. Não se pode esquecer de que o seu projeto é apologético, o que justificaria a sua forma de abordar o assunto em questão. O seu primeiro mérito estaria, então, em planejar a sua teologia levando em consideração críticas levantadas pela filosofia. O segundo mérito estaria em propor uma resposta através de Jesus como o Cristo, sendo aquele que vence as estruturas do mal no mundo e na personalidade do indivíduo. Este trabalho, com isso, leva em consideração pelo menos essas duas das muitas facetas exitosas do pensamento de Tillich: a começar pela sua concepção sobre o mal, passando pela relação entre o mal e a antropologia, e culminando com a sua proposta para lidar com o mal.

1. A questão do mal situada na esfera da ontologia no pensamento de Tillich

¹ Nas citações de obras de Tillich, a sigla TS faz referência à obra *Teologia Sistemática*, e a sigla CS ao seu livro *A coragem de ser*.

A porta de entrada para a teologia de Tillich é a ontologia. Tentar desvincular a ontologia do seu pensamento é como tentar tirar o oxigênio da fórmula da água. Consequentemente, a sua abordagem básica acerca do mal é ontológica. No entanto, não se pode confundir tal investida ontológica sobre o mal como que havendo um ser matricial que prefigurasse o mal e do qual toda a maldade emanasse, ou que a potência efetivada desse ser fosse o mal nas esferas moral e natural. Muita confusão deriva de tal pressuposto, ou seja, assumir a realidade de um ser metafísico naturalmente mal. Isso significa dizer que, para Tillich, o mal ontológico não se confunde com satanás. Azevedo pontua a diferença entre a abordagem de tillichiana sobre o mal e as tradicionalmente presentes nos livros de teologia:

O projeto de Tillich não é harmonizar a liberdade/mal do homem com a onipotência/bondade/santidade de Deus como se tratassem de dois pólos antagônicos. O ponto de partida de Tillich não é dualista, pelo contrário é um princípio monista que ele aprendeu do misticismo germânico e de Hegel, o qual o faz ver a realidade como uma e una².

Já nas primeiras páginas da *Teologia Sistemática*, Tillich começa a delinear a sua ontologia, ao expor a relação entre o choque ontológico e a razão, o nada no processo cognoscitivo da revelação, e até mesmo chamando a atenção para o caríssimo termo usado para Deus em seu pensamento: "fundamento do ser". No entanto, de modo fático e explícito, é na seção "Ser e Deus" que a ontologia tillichiana é elaborada. É neste ponto que a questão do mal será tratada. Para tanto, faz-se necessário rememorar os quatro níveis de conceitos ontológicos que nosso autor em questão postula, e que serão retomados no segundo volume de sua *Teologia Sistemática*, ao tratar da alienação e da doutrina do mal, mas que eu retomarei já nessa parte.

O primeiro nível diz respeito à *estrutura ontológica básica*: sujeito-objeto do ser, eu no mundo com a articulação básica do ser, ou um eu que tem um mundo que o pertence. Neste ponto, já se percebem as facetas essencialista e existencialista do nosso teólogo. O ser humano, ou o existir humano, é a articulação de toda a realidade dada, inclusive de tudo o que está em relação com o mal. O ser humano é, ao mesmo tempo, efetivação e linguagem na estruturação ontológica básica.

No segundo nível estão os *elementos que constituem a estrutura ontológica*. Esses elementos estão tencionados entre dois elementos polares. A polaridade é uma importante chave hermenêutica no

² AZEVEDO, 2007, p. 9.

pensamento de tillichiano, pois ela impede que haja a absolutização de uma ideia, e que tudo se converta em um algo genérico. As polaridades são estabelecidas em três pares: individualidade e universalidade, ou individualização e participação; dinâmica e forma; liberdade e destino. O primeiro diz respeito ao ser enquanto ser para si; é a autorrelação do ser à medida que acontece a identificação como uma parte relacional. O segundo diz respeito à pertinência do ser, de ser uma parte do universo do ser. Só é existente aquilo que possui forma, ou seja, o ser que é dado mas que está sob as condições da existência. O terceiro está relacionado ao fluxo do existir e do exercício da individualidade, já que faz um convite para que se perceba o *dasein*. Tillich diz que “o ser humano é convidado a fazer de si mesmo aquilo que ele deve se tornar para cumprir o seu destino”.

Tillich coloca como o terceiro nível ontológico *o ser e a finitude*, ou seja, as características do ser tencionadas entre ser essencial e ser existencial. Eis aqui o fio condutor para a pergunta por Deus: ou seja, o choque ontológico: “é a finitude do ser que nos conduz à questão de Deus” (TILLICH, TS, p. 143). Já é possível começar a perceber a estreita relação com o mal nesta presente parte. Como elemento de articulação no mundo, o ser humano é capaz de perguntar pelo não-ser, já que ele se dá conta da sua finitude.

Por fim, o quarto nível traz *a finitude humana e a questão de Deus*, ou como podemos conhecer e falar sobre Deus. Esse nível pode ser resumido na famosa frase de de Tillich: “Deus não existe. Ele é o ser-em-si para além da essência e existência. Portanto, argumentar a favor da existência de Deus é a mesma coisa que negá-lo” (TILLICH, TS, p. 175). Ele trata de Deus enquanto ser-em-si, ou como o fundamento do ser. Pode-se dizer que quando o ser humano olha para si, percebe o seu ser e a sua finitude; ele diz, então: “de onde vem o meu ser? Somente algo que não participa efetivamente da minha realidade, isto é, aquilo que não está sujeito às mesmas coisas do que eu, é que pode ser o fundamento do meu ser”.

Esses quatro níveis apontam para Deus como o fundamento da estrutura ontológica. O ser que pertence ao ente não pode ser confundido com Deus, mas pode estar em relação com a essência, enquanto o ente enquanto ente é participante da existência na medida em que efetiva a sua potencialidade. No entanto, somente mediante um fundamento é que pode haver essência e existência, e esse fundamento é Deus.

Diante disso, o polo oposto ao ser é o não-ser, ou o nada. Tomando emprestada a sentença heideggeriana “o nada nadifica”, pode-se chegar à conclusão de que, enquanto o seu oposto é a essencialização – e, com isso, a possibilidade para ser – a nadificação é a destruição do ser. A concepção de nadificação em Heidegger é diretamente correlata à concepção tillichiana de efetivação da ameaça do não-ser. A polaridade ser e não-ser implica a condição das criaturas em uma situação de tensão, já que, diante da finitude, o que é polar se converte em o que é tensional (Cf. TILLICH, TS, p. 169). Em Tillich, tensão é a tendência que os elementos possuem dentro

de uma unidade a afastar-se um do outro. É justamente aí que o mal pode ser pensado na sua ontologia. E o principal viés para a concepção de mal no pensamento do autor alemão é o não-ser, ou seja, está implícito no fato de o mundo ter sido criado *ex nihilo*. E isso implica que “ser criado do nada significa ter que voltar ao nada. O estigma de ter sido originado do nada está impresso em cada criatura” (TILLICH, TS, p. 161).

Retomando a questão dos níveis da estrutura ontológica, podemos ver, no primeiro nível, que o ser humano é o ponto de articulação do ser. Falar sobre o mal, antes de tudo, é falar sobre o modo em que o ser humano articula a sua percepção da ameaça. Do ponto de vista do conceito, pode-se indagar: ^[11]o que é o mal? ^[12]Numa primeira e rápida resposta, Tillich diria: “mal é a fragilização daquilo que permite o ser humano a se estabelecer como tal, bem como a percepção do enfraquecimento das suas fontes de sentido. É contemplação da iminência do esfacelamento do ser e da sua cessão de lugar ao não-ser”. Em relação ao segundo nível, percebe-se claramente a questão do mal. Em se tratando da primeira e da terceira polaridade, Tillich diz que nelas há um elemento importante para responder à questão da teodiceia (ainda que ele não se ocupe em resolver o teorema de Epicuro), ou seja, o momento em que a participação do que é outro do nosso próprio ser, quando o destino dos outros homens se convertem em nosso próprio destino. “Ninguém pode ser separado de ninguém. O destino do indivíduo não pode ser separado do destino da totalidade da qual ele participa” (TILLICH, TS, p. 226). Já no terceiro nível está a percepção da finitude do ser humano, ou da sua condição criatural, o que culmina no quarto nível, que diz respeito à dependência de Deus.

Teodiceia não é uma questão de mal físico, dor, morte, etc. nem é uma questão de mal moral, pecado, autodestruição, etc. Mal físico é a implicação natural da finitude criatural; mal moral é a implicação trágica da liberdade criatural. Criação é a criação da liberdade finita; é a criação da vida com sua grandeza e seu perigo. Deus vive, e sua vida é criativa. Se Deus é criativo em si mesmo, ele não pode criar o que é contrário a ele mesmo. Ele não pode criar o que é morto, o objeto que é meramente objeto. Ele deve criar aquilo que une objetividade e subjetividade: a vida, aquilo que inclui liberdade e com ela os perigos da liberdade. (...) A certeza da criatividade diretiva de Deus está baseada na certeza de Deus como fundamento do ser e do sentido. A confiança de toda criatura, sua coragem de ser, está enraizada da fé em Deus como seu fundamento criativo (TILLICH, TS, p. 266, 267).

2. O mal e a antropologia na esfera da ontologia

Para falar sobre a tríade “mal”, antropologia” e “ontologia” em Tillich, caberia a seguinte pergunta: “qual termo expressaria melhor a ideia de mal presente na constituição básica do ser humano?”. A essa pergunta, responde-se o seguinte: “alienação”. Uma segunda resposta para a pergunta “o que é o mal?”, Tillich diria que “são as implicações, as consequências e os resultados da alienação”. Na verdade, isso seria uma paráfrase do que ele escreve: “destruição sob as condições de alienação existencial não é causada por alguma força externa. Não é ação de interferências divinas ou demoníacas especiais, mas sim a consequência da própria estrutura da alienação” (TILLICH, TS, p. 290). Como, pois, ele compreende a alienação?

O Mito da Criação e o Mito da Queda relatados no livro de Gênesis são a mesma história, de acordo com Tillich. História essa que relata a transição da essência para a existência (TILLICH, TS, p.266). O estado decaído de Adão é a história compartilhada por todo ser humano: o estado de alienação. Dentre outros conceitos e exemplos, Tillich diz que a alienação acontece: 1) entre o ser humano e o Fundamento do seu ser; 2) Entre o ser humano e o seu próximo; 3) entre o ser humano e o mundo ao seu redor; e 4) entre o ser humano e si mesmo. A alienação indica a realidade existencial na qual todo ser se encontra, e a qual a ação divina na existência visa a superar. Tillich relaciona o termo alienação ao conceito tradicional de pecado. Segundo ele, a humanidade vive em alienação. Apesar de não ser um termo presente na teologia bíblica, sua ideia está latente nos diversos textos bíblicos que falam sobre a realidade e a condição do ser humano. A alienação está implícita

nos símbolos da expulsão do paraíso, na hostilidade entre homem e natureza, na hostilidade moral de irmão contra irmão, na alienação de uma nação em relação a outra através da confusão das línguas, nas queixas contínuas dos profetas contra seus reis e contra o povo que se voltou para deuses estranhos. A alienação está implícita na afirmação de Paulo de que o homem perverteu a imagem de Deus convertendo-a em ídolo, em sua descrição clássica do “homem contra si mesmo”, e em sua visão da hostilidade do homem contra homem combinada com seus desejos distorcidos. Em todas essas interpretações da condição humana, a alienação é implicitamente afirmada (TILLICH, TS, p. 279).

Tillich considera que “alienação” não pode substituir “pecado”, mas as características deste são consideradas como alienação, porque implica numa reinterpretação do pecado em um ponto de vista religioso, já que pecado se refere ao estado de alienação com relação àquilo a que o ser humano pertence: Deus, o seu próprio eu e o mundo. Alienação é, também, considerada como a atitude pessoal de se afastar daquilo a que se pertence; é, portanto, o pecado que se manifesta como fato e ato. O termo alienação expressa a condição existencial do ser humano, porque o ser humano está alienado do seu verdadeiro ser, e não é aquilo que é, da forma em que existe:

O homem deixou o fundamento para “ficar sobre” si mesmo, para efetivar tudo aquilo que ele é essencialmente, e para ser *liberdade finita*. Este é o ponto no qual se unem a doutrina da criação e a doutrina da queda. E, como mostra uma análise existencial da situação humana, é o ponto mais misterioso na experiência humana. Criaturalidade plenamente desenvolvida é criaturalidade caída (TILLICH, TS, p. 215).

Uma vez alienado do seu próprio ser, a sua liberdade está igualmente alienada, e na liberdade finita, o ser humano pode perder-se a si mesmo. Liberdade sob as condições da alienação é o ponto mais perceptível de um elemento sobre o qual Tillich falou mais do que sobre o mal: angústia! Angústia é o momento em que o ser humano se depara com a sua própria finitude. Ele considera que “finitude com consciência é angústia” (TILLICH, TS, p. 163), ou que angústia “é a consciência de ser finito, de ser uma mistura de ser e não-ser, ou de ser ameaçado pelo não-ser” (TILLICH, TS, p. 270).

Nessa situação de liberdade finita, ele pode perder-se a si mesmo e a seu mundo, e a perda de um inclui a perda do outro. Essa é a “estrutura de destruição” básica, que inclui todas as outras. A análise desta estrutura é o primeiro passo para a compreensão daquilo que frequentemente é descrito como sendo “o mal” (TILLICH, TS, p. 290).

Antes de enfatizar a angústia, é necessário destacar pelo menos alguns pontos que marcam o mal, a ontologia e a antropologia. Tillich põe em linha de correlação “pecado”, “alienação” e “mal”, ao situar pecado como alienação e pecado como causa e elemento do mal. Ele afirma que a

distinção entre pecado e mal é somente válida parcialmente, pois a diferença é mais de enfoque do que de conteúdo (TILLICH, TS, p. 301). O mesmo correlato entre não-ser e mal, afirmado anteriormente – ou seja, que não haveria liberdade se não houvesse o mal – é afirmado por Tillich: “não permitir o pecado significaria não permitir a liberdade; isso equivaleria a negar a natureza mesma do homem, sua liberdade finita” (TILLICH, TS, p. 291).

A primeira marca básica do mal é a perda do centro pessoal determinante. Isso implica, como dito antes, a perda do seu mundo. Essa é a experiência de “cair em pedaços”. Essa marca da alienação nadifica o ser humano e o coisifica; no entender de Tillich, coisa, (no alemão *Ding*), refere-se àquilo que pode ser condicionado (*bedingt*) (Cf. TILLICH, TS, p. 149). Essa experiência do mal no ser humano se dá quando a percepção do não-ser é maior do que a percepção do ser, ou quando a influência do ser cede lugar à do não-ser. É a experiência de ver o elemento negativo na sua liberdade e destino. É a separação do elemento polar: não aceitar o destino. Essa experiência do mal está também na separação do segundo elemento polar, que é a separação entre dinâmica e forma. Isso tem a ver com o desejo de potencializar a vitalidade, mas num ambiente de formas já dadas, em que não se percebem nenhuma possibilidade criativa que transcenda à forma. Há, por fim, a separação do terceiro elemento polar que marca a experiência do mal. É a situação em que se percebe claramente a ruptura entre um ser que deveria estar unido: a separação entre participação e individualização. Essa ruptura controla a experiência de solidão, individualização (*hybris*) e a desintegração de si, ao se ver incapaz de se ver como fonte suficiente para o autossuprimento. “A situação de alienação é espelhada tanto no encontro teórico quanto prático com o homem considerado como mero objeto. Ambas são ‘estruturas de autodestruição’, isto é, fontes básicas de mal” (TILLICH, TS, p. 295).

A despeito de outros elementos serem explorados, o ponto central do mal, do não-ser e do pecado na experiência humana é a angústia. A angústia é o indicativo de que o não-ser está aí, é o inescapável elemento que nos lembra da nossa finitude, de que somos limitados, “que pairamos sobre o nada”, que a qualquer momento o ser humano pode ser acometido por uma descontinuidade de sentido. É a pior profetiza que nos diz: “vieste ao pó e ao pó retornarás”, é um tapa na cara da vida, é o “não!” quando queremos e tentamos dizer “sim!”, é o erro quanto atiramos canhestramente a flecha, é a mudez quando queremos gritar. A angústia torna o ser humano ciente dos limites de sua existência; é essa angústia que funda a preocupação ontológico-existencial.

De acordo com Tillich, há três tipos de angústia. 1) em relação ao destino e à morte; 2) em relação à falta de significado ou sentido da vida; 3) em relação à culpa e condenação. O primeiro deles é a quando o não-ser ameaça a autoafirmação ôntica do indivíduo. A ameaça relativa do destino e a ameaça absoluta da morte. O destino indica a possibilidade, o desconhecido: não se sabe o conteúdo do destino, nem é possível prevê-lo.

Diante dele, o ser-humano se angustia com o nada. Este seria o tipo de angústia mais comum que existe, já que o futuro é uma incógnita e a morte é real. A morte, por sua vez, é a concretização da finitude. Todas as tentativas de negar a morte ou fugir dela são fúteis e vãs: o ser humano caminha para a morte. Deste modo, essa ameaça é relativa quando se trata do destino, mas é absoluta em se tratando da morte.

O segundo tipo de ameaça é aquela em que o não-ser ameaça a autoafirmação espiritual do indivíduo: a ameaça relativa da vacuidade, a ameaça absoluta da falta de sentido. Não apenas a existência exterior, por assim dizer, que é ameaçada pelo não-ser. Mas o interior do indivíduo, suas habilidades criativas espirituais. Isso porque os objetos doadores de sentido vão deixando de ser significativos, e o ser humano passa a uma busca desenfreada por algo que o confira sentido e satisfação, mas se depara diante da insatisfação que irrompe após o momento de satisfação com algo. A autoafirmação espiritual, segundo Tillich, refere-se à capacidade criativa do ser humano de encontrar sentido para a vida, participando significativamente na existência, vivendo espontaneamente, na sua interação com a cultura. Nesse viver, o ser humano busca uma preocupação última, e quando ela não é experienciada, a ameaça do vazio e da falta de significado toma o seu lugar. Esta preocupação última é o centro de sentido, que confere sentido a outras questões existenciais. A evidência – ou até mesmo o resultado – limítrofe dessa ameaça se dá quando o indivíduo deseja dar cabo à existência por não conseguir suportá-la, carregada pelo peso da vacuidade e da falta de sentido. Essa ameaça é relativa quando o ser humano se vê afastado das realidades finitas cotidianas, caracterizadas pela vacuidade; é absoluta quando se vê afastado do centro de significados, do fundamento do próprio significado.

O terceiro tipo de angústia é quando o não-ser ameaça a autoafirmação moral do indivíduo: a ameaça relativa da culpa, a ameaça absoluta da condenação. O ser humano é responsável por si, e ele deve dar conta do que fez consigo. Esse tipo de angústia, segundo Tillich, relaciona-se com a liberdade na medida em que o ser humano é livre para atuar como quiser: tanto em se tratando de tomar decisões, quanto em desenvolver determinadas ações. No entanto, suas ações e decisões são igualmente marcadas pela finitude; ou seja, as ações do ser humano possuem uma nuance específica, ligada à segunda ameaça: o cumprimento do destino. Não apenas isso, no afã de dar conta de si, o ser humano forja uma lei moral que, quando quebrada, gera culpa e condenação. A atitude existencial é aquela que visa a se resguardar da incógnita do destino. Assim, o ser humano pode, ao mesmo tempo, não cumprir o que antes propunha, ou seja, se resguardar da incógnita do destino. Com isso, ao perder o seu destino ideal, ele se sente culpado. No entanto, a culpa pode se transformar em uma ação moral e ser elevada à esfera da condenação. É relativa enquanto culpa; mas é absoluta enquanto condenação. Percebe-se, portanto, que a angústia do indivíduo se dá tanto em relação a fatores finitos quanto a infinitos, ou seja, o indivíduo se angustia diante de questões

que estão dentro da existência e que extrapolam os limites dela: o que jaz após a morte, o centro de significado e a condenação.

3. A antropologia teológica e a forma de lidar com o mal

Como mencionado anteriormente, é tarefa da teologia prover bases para que os seus interlocutores lidem como o mal. A abordagem das preocupações de Tillich sobre a questão do mal nos mostra dois elementos que estão situados diretamente no âmbito da antropologia teológica: a liberdade finita e a angústia, como sendo elemento e causa do mal. A resposta de Tillich à questão do mal não poderia derivar de outra epistemologia a não ser daquela controlada pela ontologia. Ele situa dois elementos. O primeiro é a coragem, o segundo é o Novo Ser. O primeiro é a autoafirmação do ser a despeito do não ser. O segundo é a fonte do ser da qual participamos e que constitui o paradoxo cristológico, ou seja, a manifestação no Novo Ser em Jesus como o Cristo.

O principal contraponto da angústia é a coragem que, nas palavras de Tillich, "é a autoafirmação do ser a despeito do fato do não-ser" (TILLICH, CS, p. 121). Isso significa dizer que coragem é o exercício do ser. Quando a angústia interpela o nosso ser, ou até mesmo quando a ameaça do não-ser se efetiva e ficamos desprovidos do que nos garantia serenidade e sentido, e mesmo que reste apenas fragmentos ou migalhas, a coragem é quando esses fragmentos e migalhas se afirmam. A vida não acabou, por isso é possível coragem.

A coragem, então, deve ser compreendida, em primeiro lugar, como algo cuja fonte é o Fundamento do Ser; em segundo lugar, como chave desse Fundamento. A coragem é a afirmativa que caminha no sentido de levar o ser humano ao relacionamento com o seu fundamento e a participação nele, além de ser uma atitude ontológica de afirmação diante da culpa e condenação, vacuidade e falta de significado, destino e morte. A relação do indivíduo com o fundamento de seu ser deve ser expressa em símbolos tirados da estrutura do ser, indicando a dinâmica entre participação e individualização, ou seja, a base em que a relação e a coragem estão fundamentadas. A coragem parte do íntimo do indivíduo, a partir da consciência de si – ocasionada pela coragem de ser a si mesmo – e é expressa pela atitude de participação no fundamento do seu ser.

O ponto mais sublime e mais contundente da concepção de Tillich sobre a coragem refere-se à coragem de aceitar a aceitação. É precisamente aí que acontece o encontro entre a polaridade da participação e a polaridade da individualização, num encontro pessoal com Deus. Diante da angústia por causa da culpa e condenação, a coragem é independente de qualquer condição prévia moral, intelectual ou religiosa. Independe do fato de o ser humano ser bom, ou sábio, ou piedoso: e isso é decisivo. Coragem de aceitar a aceitação é um ato daqueles que são desprovidos de quaisquer

qualidades citadas acima, que estão certos de serem inaceitáveis. E é um ato paradoxal: o ser humano é aceito por aquilo que transcende infinitamente o próprio eu individual, mas que, ao mesmo tempo, se faz presente em sua interioridade. É o ato que ocorre "apesar de": apesar do fato de não ser aceito, apesar da hostilidade, apesar da falta de motivos para ocorrer a aceitação.

A coragem de ser, a este respeito, é a coragem de aceitar o perdão dos pecados, não em uma afirmação abstrata, mas como experiência fundamental no encontro com Deus. Autoafirmação a despeito da angústia da culpa e condenação pressupõe participação de algo que transcende o eu [...] Mesmo se se é pessoalmente aceito, é preciso uma coragem autotranscendente para aceitar esta aceitação, é preciso a coragem da confiança (TILLICH, CS, p. 129).

Outro modo de encarar a angústia é olhando para Jesus como o Cristo, que é o portador do Novo Ser. Uma das expressões do Novo Ser é o sofrimento de Jesus, e mesmo esse sofrimento de cruz não pode estar desvinculado com seu ser, mas é parte integrante dele. Essa terceira expressão marca o conflito entre as forças da alienação existencial e Jesus como o portador do Novo Ser que supera a alienação, porque "só assumindo o sofrimento e a morte Jesus podia ser o Cristo, porque só desta forma ele pôde participar plenamente da existência e derrotar todas as forças da alienação que tentavam romper sua união com Deus" (TILLICH, CS, p. 339). O sofrimento de Jesus é o ápice da sua experiência existencial porque o permite participar de todo processo de vida pelo qual o ser humano passa. Esse "ter-que-morrer" indica a participação total de Jesus na finitude humana e, com isso, a superação da angústia frente à ameaça da morte.

o caráter de "apesar de" é decisivo para o conjunto da mensagem cristã entendida como a salvação do desespero suscitado pela própria culpa. É realmente a única forma de superar a angústia da culpa, pois capacita o ser humano a apartar o olhar de si mesmo e para o seu estado de alienação e autodestruição, para dirigi-lo ao ato justificante de Deus. Quem olha para si mesmo e tenta medir sua relação com Deus por suas próprias conquistas, aumenta sua alienação e a angústia da culpa e do desespero (TILLICH, CS, p. 381).

A concepção de Novo Ser em Tillich aponta ainda para além da realidade que supera as três marcas da alienação – concupiscência, *hybris* e descrença – e indica a vitória sobre a falta de significado. A existência é carregada pela ameaça do não-ser, e isto é uma característica do afastamento entre o indivíduo e o seu fundamento; tal ameaça é algo intrínseco ao existir, por causa do estado de alienação, e está relacionada ao caráter factual da existência. No entanto, a Nova Realidade possui o poder de transmitir serenidade também ante a ameaça do existir: o Novo Ser atua na interioridade do indivíduo, contrariando os poderes exteriores e levando-o a superar a vida sem sentido.

Conclusão

Foi possível perceber que Tillich realiza pelo menos dois movimentos em relação ao assunto do mal. O primeiro é de identificação ou continuidade, em que se percebem nuances idênticas às de outros pensadores, como Leibniz e a finitude, Kierkegaard e a angústia, Hegel e a alienação, por exemplo. O outro movimento é, por assim dizer, heurístico, quando não de ruptura, já que Tillich utiliza o mesmo nome – como angústia ou finitude – mas como implicações diferentes. O seu grande objetivo, como já mencionado, atravessa a apologética, o que leva o nosso teólogo a concluir que é possível compreender a legitimidade da fé cristã. Para ele, com isso, os nervos dessa compreensão são expostos através da ontologia. E é na ontologia que os nomes, ideias, conceitos e intuições de pensadores com os quais Tillich mantém identificação e continuidade são articulados.

Ao tratar o mal a partir da ontologia – mas não como possuidor de status ontológico! – verificou-se que Tillich situa a questão existencial de maneira a ser o horizonte em que o ser humano vive e percebe tal realidade. Apesar de o próprio Tillich estar a par de que a problemática do mal é um solo resvaladiço da teologia, a estrutura das suas ideias, controladas pela sua preocupação apologética, se constituem em fundamentos teológicos e filosóficos legítimos que tratam com pertinência a problemática do mal. E isso porque ele ousa a retomar conceitos anteriormente trabalhados, ao passo que tenta perceber como o discurso ontológico vai ao encontro de preocupações existenciais.

Por um lado, há a identificação do mal com a realidade da alienação. Uma vez apontado assim, esse problema encontra vias de melhor compreensão se assumida outra realidade capaz de desafiar a alienação nas mesmas bases em que ela ocorre. Por outro lado, está a realidade anunciada pela mensagem cristã. É aí que o Novo Ser em Jesus como o Cristo surge em seu pensamento apologético. O ícone central do cristianismo e tudo o que se diz sobre ele estão arraigados em terrenos ontológicos: tal como a alienação. No entanto, em Jesus, as forças da alienação se fizeram nulas.

Certo é relação entre Jesus e as estruturas do mal não abre margem para que se pense o fim do mal no mundo. Antes, fomenta vias de se compreender a relação entre o ser humano e o mal, ou como ainda continuar – ou lidar com o mal – quando esse nos assola. Os poderes do mal – estejam eles a interpelar através angústia ou pela desintegração total de uma vida – tornam-se nulos quando desafiados pela fé que leva a produzir a coragem para a aceitação.

Seja como for, se há alguma vitória do mal, ela não é definitiva. Em termos existenciais, pode acontecer a autoafirmação, quando o ser assume a coragem de interpelar o mal e as estruturas do não-ser. Em termos da eternidade, o mal não pode superar a união inviolável com Deus trazida por Jesus. “A coragem de ser está enraizada no Deus que aparece quando Deus desapareceu na angústia da dúvida”.

Referências

AZEVEDO, Sílvio Murilo Melo de. A ambiguidade do mal em Karl Barth e Paul Tillich. *Hermenêutica*, Volume 7, p. 1-18, 2007.

HANSON, Jim. A Neo-ontological Solution to the Problem of Evil. *Theology Today*. January 2012: p. 478-489.

TENNANT, Matthew. *Tillich and the wild things: evil and transformative soteriology*. Paper presented at The North American Paul Tillich Society meeting – October 31, 2008. Disponível em: <http://users.ox.ac.uk/~rege0695/tillich_wildthings.pdf> Acesso em: 11 de maio de 2014.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1986.